

ISSN 2674-5844



revista

Educação & Evolução

V.1, N.1 NOVEMBRO (2019)

REVISTA EDUCAÇÃO & EVOLUÇÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Maurício Amormino Júnior, CRB6/2422)**

Revista Educação & Evolução, vol. 1, n. 1 – São Paulo,
SP: Publicação Independente, nov. 2019
v. : il.

Mensal.

Vol. 1, n. 1

ISSN 2674-5844

DOI: 10.5281/zenodo.15278860

Disponível em:

<http://www.revistaeducacaoevolucão.com.br/>

1. Aprendizagem. 2. Educação. 3. Prática de ensino. 4.
Professores – Formação.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

EDITORIAL

Estamos publicando o primeiro volume como edição especial da Revista Educação & Evolução.

Este volume especial traz várias abordagens em artigos que buscam oferecer um panorama amplo diversificado da produção científica na área da Educação.

Segundo os organizadores, muitos são os desafios que se colocam no campo da alfabetização, nos diversos níveis de ensino, nas políticas públicas e na formação de professores. O número especial que ora apresentamos traz um panorama geral que mostra não apenas a complexidade dos problemas a enfrentar, mas a diversidade de abordagens teóricas que fundamentam as investigações e reflexões dos pesquisadores.

A Revista abre espaço, portanto, dedicado ao debate entre diversos caminhos e diferentes convicções que provoquem reflexão, crítica avaliativa e desenhos criativos para inovações em políticas públicas e em práticas pedagógicas que visem alfabetizar com qualidade para todos os cidadãos brasileiros.

Editor-chefe
Revista Educação & Evolução

EQUIPE EDITORIAL

Cristina Patricio de Oliveira
Cristiane P. de Oliveira
Viviane Rosa de Oliveira

PROGRAMAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Cristiane P. de Oliveira

BIBLIOTECÁRIO

Maurício Armomino Júnior
CRB6/2422

REVISTA EDUCAÇÃO & EVOLUÇÃO

ISSN: 2674-5844

DOI: 10.5281/zenodo.15278860

Volume 1 | Número 1 | 2019

Os artigos assinados são responsabilidade única dos seus autores e não apresentam a opinião do Conselho Editorial. É permitida a reprodução total ou parcial dos artigos desta revista, desde que citada a fonte.

Contato
(11) 91315-4500

Endereço Eletrônico
www.revistaeducacaoevolucão.com.br

SUMÁRIO

- 05** **A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A CRIANÇA DO ENSINO FUNDAMENTAL**
Joicileia Batista Alves
- 14** **A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL**
Cristina Patrício de Oliveira
- 26** **A LUDICIDADE COMO PARTE INTEGRANTE PARA A APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA**
Cristina Patrício de Oliveira
- 36** **A MUSICALIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**
Cleusa Felix Santos
- 45** **A RELAÇÃO DA MÚSICA E A CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS**
Elisabete Aparecida Silva Cano

A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA PARA A CRIANÇA DO ENSINO FUNDAMENTAL

JOICILÉIA BATISTA ALVES¹
DOI: 10.5281/zenodo.15278452

RESUMO

Este trabalho partiu da temática sobre a contribuição da Educação Física para a criança do Ensino Fundamental, tendo como objetivo principal discutir a problemática do Sedentarismo na infância e os problemas causados pela falta de atividades físicas. Partindo do pressuposto de que o sedentarismo é uma doença que vem avançando muito nos últimos anos devido ao tempo utilizado para se dedicar ao uso das ferramentas tecnológicas, trouxemos o seguinte questionamento: De que forma as atividades físicas escolares podem beneficiar o desenvolvimento das crianças do Ensino Fundamental? Assim, esse artigo fundamenta-se na pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo, baseando-se na leitura e reflexão de livros e artigos relacionados ao tema. Dessa forma, conclui-se que as brincadeiras e as atividades físicas no Ensino Fundamental pode ser uma alternativa para a resolução de vários conflitos existentes na vida social da criança e adolescente e, resgatando tais brincadeiras, as crianças poderão interagir, conviver com o outro e desenvolver trabalhos em equipe, respeitando as diferenças e limitações do próximo.

Palavras-Chave: Atividades Físicas. Sedentarismo. Crianças. Tecnologia. Obesidade.

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Educação Física pela UMC - Universidade Mogi das Cruzes; Graduação em Pedagogia pela FALC – Faculdade de Carapicuíba; Especialista em Arte da Educação pela HSM – Escola Superior de Administração; Especialista em Educação Musical pela HSM – Escola Superior de Administração; Professora de Educação Física na Rede Municipal de Ensino de São Paulo e na Rede Privada de São Paulo.
joicileia74@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A modernidade beneficiou muito a humanidade, as crianças e adolescentes também ganharam e perderam com essas modificações. As crianças e adolescentes eram sujeitos mais ativos, devido a várias atividades que tinham que desempenhar exigindo algum tipo de esforço. Hoje, no entanto, os indivíduos apresentam certo grau de inércia, se tornaram sujeitos, muitas vezes, acomodados e sedentários.

A redução das práticas físicas e a diminuição de lazer juntamente com o uso contínuo de alguma ferramenta tecnológica, além dos péssimos costumes alimentares, interferem diretamente na qualidade de vida das crianças e adolescentes. O uso excessivo das ferramentas tecnológicas modificam os hábitos das pessoas acarretando em índices altíssimos de doenças e de obesidade.

O aporte da Educação Física com a instituição escolar é essencial no processo da educação baseada no incentivo a saúde, pois possibilita a sensibilização e a motivação dos alunos sobre a relevância da prática de atividade física regular como principal modo de

prevenção de doenças, proporcionando assim um maior equilíbrio corporal.

Dessa forma, este artigo parte da ideia de que pais e professores estão preocupados com a obesidade infantil dentre outros problemas de saúde relacionados ao Sedentarismo. Com isso, o objetivo desse artigo será discutir a problemática do Sedentarismo na infância e os problemas causados pela falta de atividades físicas.

A obesidade infantil é um problema que preocupa pais e professores na atualidade, uma vez que a revolução tecnológica fez com que as crianças ficassem por muitas horas ociosas a frente de computadores, televisores, celulares, aparelhos de videogame, dentre outras ferramentas tecnológicas e que tais tecnologias trouxeram juntamente com a evolução, doenças causadas pelo sedentarismo infantil. Sendo assim surge o seguinte questionamento: De que forma as atividades físicas escolares podem beneficiar a saúde das crianças do Ensino Fundamental?

Sendo assim, a metodologia utilizada foi a bibliográfica, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de

grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

AS CAUSAS DA OBESIDADE INFANTIL

Os motivos que contribuem para a obesidade infantil são muitos, dentre eles estão os fatores genéticos, a má alimentação, o sedentarismo, ou ainda uma série de combinações desses fatores. A falta de atividades físicas no dia a dia pode ser muito desfavorável para a saúde da criança.

Com isso, é essencial que as crianças tenham hábitos saudáveis diariamente, incluindo as atividades com brincadeiras tradicionais e as práticas de atividades na Educação Física escolar. Outro fator que também contribui para a obesidade infantil é o uso excessivo das ferramentas tecnológicas por parte das crianças, isso faz com que elas fiquem por longo tempo inativas e deixem de se movimentar.

Diante desse contexto, Machado (2011) afirma que:

A falta de atividade física na vida das crianças demonstra que a tecnologia tem tomado espaço no mundo das crianças e diminuindo cada vez mais a atividade lúdica

na idade da infância. As crianças estão cada vez mais inativas por manter hábitos como assistir televisão, jogar videogame, usar computador (MACHADO, 2011, p.13).

Com isso, Hanaver (2005) também salienta sobre a questão do sedentarismo, segundo o autor: “As pessoas estão deixando de sair de casa para se divertir com amigos e ficam em frente ao computador tecendo com outras pessoas”.

Diante desse cenário, Guedes (1999, p.32) também corrobora com o fato de que as tecnologias prejudicam a saúde da criança, afirmando que:

Infelizmente, o motivo da falta de atividade física nos dias de hoje, onde é necessária a prática de movimentos, é compensada pelos avanços tecnológicos. A sociedade de hoje adquire hábitos cada vez mais sedentários. As crianças e adolescentes estão substituindo o lúdico (que necessitam de esforço físico) pelas novidades eletrônicas (GUEDES, 1999, p.32).

Dessa forma, é perceptível que os autores concordam com a questão do sedentarismo, no entanto, com o avanço da tecnologia, outras doenças também chegaram junto com esse avanço. Segundo Matosso (2010):

Em meados do século XXI, a tecnologia está cada vez mais inovada, sendo assim, as pessoas adquirem novas doenças e problemas psicológicos com maior frequência. A tecnologia com os processos de controle próprio, faz com que as pessoas assumam uma vida sedentária, já que, a comodidade, rapidez e flexibilidade no uso das tecnologias não exige que as pessoas se esforcem tanto para buscar fontes de informações e outras formas de lazer, trabalho e estudo (MATOSSO, 2010, p.31).

Correa et al., (2015) enfatiza que:

Para a nova geração, inserida no mundo digital, estão surgindo novos riscos à saúde decorrentes do uso indevido das tecnologias. O excesso de tempo em frente ao computador, por exemplo, causa insuficiência nas horas de sono e predispõe as crianças aos hábitos sedentários, além de causar a queda do rendimento escolar, entre outros (CORREA et al., 2015).

As autoras salientam que "crianças que não desenvolvem relações com outras pessoas podem tornar-se pessoas inseguras e atormentadas, despreparadas para enfrentar pressões, provocações e várias situações adversas". (CORREA et al., 2015).

Diante disso, pode acarretar problemas sociais, passando por

depressão, ansiedade e baixa autoestima, portanto, como já mencionado, é de extrema necessidade que pais e professores passem a monitorar o frequente uso desses equipamentos, além de orientá-los a usar de forma moderada e adequada a fim de beneficiar-se dessas ferramentas e evitar problemas futuros.

AS BRINCADEIRAS COMO ATIVIDADES FÍSICAS

O brincar deve fazer parte do dia a dia da criança. As crianças da década de 1990 tinham muito contato com brincadeiras de rua, como futebol, queimadas, piques, pipas, a criança praticava atividades o tempo todo através das brincadeiras. Entretanto, atualmente, o cenário é outro, as crianças são criadas em apartamentos, se divertem com jogos virtuais e acabam praticando poucas atividades que exijam movimentos.

As brincadeiras que exigem movimentos, exercícios, ajudam no aspecto cognitivo, psicológico, emocional, orgânico e motor da criança. Através de atividades físicas a criança adquire motricidade e isso é importante, pois, quando a criança pratica atividades físicas desde bem cedo, adquire

conceitos sobre a relevância dessas atividades por toda a vida, diminuindo problemas a partir da adolescência. É preciso que sejam praticadas como hábitos diários as atividades físicas e as brincadeiras que exijam da criança algum esforço físico.

Hoje em dia as crianças praticam muitas atividades como música, pintura, desenho, inglês, dentre outras, são atividades muito importantes para o desenvolvimento intelectual e cognitivo, no entanto, ela precisa brincar porque é muito importante para o desenvolvimento físico e beneficia a saúde. Assim, Stein (1999) determina que:

Inúmeros benefícios já foram comprovados com relação à atividade física quando praticada desde a infância. Dentre esses ganhos tem-se a diminuição de sintomas depressivos e ansiedade, um efeito de proteção contra as doenças crônico-degenerativas, especialmente as de origem cardiovascular (STEIN, 1999, p. 147).

Lazzoli et al., (1998, p.107) diz que, do ponto de vista da saúde pública e da medicina preventiva, incentivar a prática da atividade física na infância e na adolescência pode estabelecer uma boa qualidade de vida, reduzindo a prevalência do sedentarismo e

contribuindo com uma melhor qualidade de vida no futuro.

Contudo, o resgate de brincadeiras consideradas clássicas na infância e na adolescência, como as cantigas de roda, pular corda, cabo de guerra, vareta e outras, agem como práticas de atividades físicas e ainda estimulam a interação com os colegas através da comunicação, promove o senso de espaço, o movimento e a percepção, interligadas as potencialidades das crianças, além do estímulo às atividades sensoriais também devem ser incluídas nas aulas de Educação Física.

Conclui-se, portanto, que as brincadeiras realizadas na escola, em casa ou em comunidade, sejam elas individuais, como andar de bicicleta, brincar na areia, andar de patins ou skate, ou ainda em grupos, como jogar bola, pega-pega, esconde-esconde, queima, dentre outras brincadeiras com movimentos são fundamentais para a criança ter uma vida mais saudável, podendo assim diminuir o sedentarismo infantil.

OS BENEFÍCIOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A Educação Física está relacionada aos conhecimentos sobre exercícios físicos, dessa forma, ela cultiva o esporte e seus benefícios para a vida. Tem função determinante na prevenção e conservação do desenvolvimento da saúde do corpo e da alma.

Nesse parâmetro, observa-se que a atividade física propicia vários benefícios, além dos físicos, proporciona benefícios psicológicos e também sociais. Dessa maneira, além de benefícios direcionados à saúde física, através dessas atividades físicas praticadas pelas crianças elevam a socialização, considerando também que para algumas práticas as crianças precisam interagir com outras crianças alheias ao seu convívio diário, bem como a figura do professor, que também pode ser considerado uma pessoa que não faz parte do seu convívio diário.

De acordo com Silva et al., (2011) a finalidade da Educação Física é elevar o desenvolvimento psicomotor das crianças, bem como ajudá-las a adquirir uma conscientização em seu cotidiano de que a prática de atividades físicas essencialmente importante e faz parte do âmbito escolar, de forma que o ambiente

educacional é o lugar mais efetivo e eficiente para realizar tal prática

Nesse parâmetro, Pizarro (2011) define:

A atividade física é essencial para a manutenção e melhoria da saúde e na prevenção de enfermidades, para todas as pessoas em qualquer idade. A atividade física contribui para a longevidade e melhora sua qualidade de vida, através dos benefícios fisiológicos, psicológicos e sociais. (PIZARRO, 2011).

Oliveira (2010) ressalta que a Educação Física superou sua importância no âmbito educacional desde a promulgação da lei ordinária que passou a considerar a Educação Física como parte integrante da proposta pedagógica escolar e, assim passou a fazer parte do componente curricular da educação, de acordo com as faixas etárias e as condições socioeconômicas ajustadas a cada comunidade escolar.

Rodrigues (2013) por sua vez, conclui que a Educação Física no contexto escolar passou a ser indispensável para o currículo da escola, visto que sua indiscutível contribuição no fortalecimento do ensino melhora a saúde física e mental das crianças, proporciona o desenvolvimento de

capacidades úteis á vida, além de criar hábitos culturais e higiênicos na vida de todos.

Dessa forma, é necessário constar que muitas crianças têm seu primeiro contato com as atividades físicas planejadas dentro da escola, excetuando aquelas adquiridas através de brincadeiras no âmbito familiar e comunitário, ou seja, é a escola que promove o desenvolvimento e aprimoramento das competências cognitivas, motoras e auditivas, e essas habilidades planejadas promovem o envolvimento, a compreensão e aquisição de habilidades no contexto escolar, bem como nos demais ambientes em que venha a frequentar e fazer parte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que o objetivo principal aqui foi confirmado, uma vez que os autores estudados nesse trabalho concordam com o fato que o uso em excesso das tecnologias da informação pode acarretar em grandes problemas à saúde da criança.

Uma prova disso foi quando nos propomos a refletir sobre as doenças causadas nas crianças pelo uso

excessivo das tecnologias, ao que pudemos perceber que, além de afetar o desenvolvimento físico e intelectual da criança o uso em excesso das tecnologias também pode acarretar problemas sociais, passando por depressão, ansiedade e baixa autoestima e, principalmente obesidade.

Por isso, torna-se importante que as crianças corram, e pratiquem movimentos das formas mais variadas possíveis, como brincar, correr, etc., visto que é de extrema importância para a formação integral da criança de forma saudável, e para que possa evitar dificuldades de aprendizagens no futuro. Acreditamos que a escola e os pais devam dialogar com as crianças e orientá-las quanto ao tipo de jogos e relações que estão tendo com o uso das tecnologias, seja o celular, computador, videogame, etc.

Para tanto, é imprescindível que os pais estimulem essas atividades acompanhando sempre seus filhos, tornando essas atividades ou brincadeiras como formas de atividades físicas e instantes de prazer.

Foi possível concluir que as brincadeiras e as atividades físicas no Ensino Fundamental pode ser uma alternativa para a resolução de vários

conflitos existentes na vida social da criança e adolescente e, resgatando tais brincadeiras, as crianças poderão interagir, conviver com o outro e desenvolver trabalhos em equipe, respeitando as diferenças e limitações do próximo.

Portanto, pode-se constatar um reconhecimento sobre a relevância das atividades físicas na vida da criança do Ensino Fundamental, evidenciou-se a necessidade de inclusão de brincadeiras na escolarização, em especial nas aulas de Educação Física, uma vez que, por meio dessas brincadeiras amplia as capacidades da criança em lidar com o outro e a se movimentar de forma a praticar mais atividades físicas melhorando assim a problemática da obesidade infantil.

Finalizando, espera-se que outros trabalhos possam ampliar a análise apresentada na presente pesquisa, que esta não é definitiva, no entanto buscou provocar uma breve reflexão sobre o tema apresentado e motivar novos pesquisadores a continuar o debate no que se refere a contribuição da Educação Física para a criança do Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREA, Aline Medianeira Gomes et al. **Percepção de pais acerca do impacto de tecnologias no viver saudável dos seus filhos**. Cogitare Enferm. 2015 Out/dez; 20(4): 805-812.

GUEDES, D. P. **Educação para a saúde mediante programas de Educação Física escolar**. São Paulo: Motriz, v. 5, n. 1, jun, 1999.

HANAVER, F. J.D. **Impacto da Informática nas relações humanas**. 2005.

LAZZOLI, J.K. et al. Posição oficial da Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte: atividade física e saúde na infância e adolescência. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, Vol 04, n. 4, p. 107-109, jul/ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86921998000400002&script=sci_arttext>. Acesso em 12 mar. 2019.

MATOSSO, R. **Tecnologia X Sedentarismo**. Salada textual, 2010.

OLIVEIRA, N.R.C. de. Educação Física na Educação Infantil: uma questão para debate. **Anais II Pré-Combrace**, 2011.

PIZARRO, Miryan Santos. Las Ventajas De La Educación Física En Educación Primaria. Badajoz, España: Paidrex: **Revista Extremeña sobre Formación y Educación**. 2011. Disponível em: Acesso em 06 de Abril de 2019.

RODRIGUES, Ingrid Vieira; A Importância da prática da Educação Física no Ensino Fundamental I. **Portal Educação**. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/47188/a-importancia-da-praticada-educacao-fisica-no-ensino-fundamental-i>> Acesso em 13 de Abril 2019.

SILVA, Viviane Sabido; GARCIA, Flávia Mendonça; COICEIRO, Geovana Alves; CASTRO; Rosana Vieira da Rocha de; CANDÊA, Luciano Gonçalves. A importância da Educação Física Escolar no desenvolvimento motor de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.. **EFDeportes**: Buenos Aires, (16) 156, 2011. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd156/a-educacao-fisica-escolar-do-ensino-fundamental.htm>> Acesso em 13 de março de 2019.

STEIN, R. Atividade física e saúde pública. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, Niterói, Vol 5, n. 4, p.147-149, agosto de 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-86921999000400006&lng=pt&nrm=iso> Acesso em 13 Abril 2019.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ALUNO NO ENSINO FUNDAMENTAL

CRISTINA PATRÍCIO DE OLIVEIRA¹
DOI: 10.5281/zenodo.15278507

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a relação de afetividade entre professor e aluno e sua relevância como fator da prática pedagógica. Parta tanto, utiliza-se uma pesquisa aplicada, de natureza bibliográfica, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas, tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa. Assim, conclui-se que a afetividade contribui para mediar o aprendizado tornando possível melhorar as relações interpessoais, fortalecendo os laços de amizade, permitindo existir o respeito, amizade, solidariedade, generosidade e confiança, além de melhorar o desempenho educacional e representar um aspecto importante no processo de aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

Palavras-Chave: Afetividade. Relação Professor-Aluno. Ensino-Aprendizagem. Prática Pedagógica.

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Letras (Português e Inglês) pela UNICSUL – Universidade Cruzeiro do Sul (1994); Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNG – Universidade de Guarulhos (2009); Professora de Língua Portuguesa e Inglês da Rede Regular de Ensino.
cristina.patti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Considerando a importância de uma relação de afetividade entre professor-aluno no desenvolvimento do processo da aprendizagem da criança, percebe-se a necessidade de desenvolver uma pesquisa a fim de refletir sobre a contribuição das relações interpessoais para o desenvolvimento do aluno no Ensino Fundamental, visto que as relações afetivas contribuem para um melhor rendimento escolar, bem como é fundamental para prática pedagógica.

O afeto entre alunos e professores é muito importante para o processo ensino-aprendizagem esta relação é capaz de influenciar esse processo de forma bastante significativa na vida de ambos. O respeito mútuo entre alunos e professores são atitudes iniciais que transformam fatores como o bom relacionamento e o afeto. O uso da prática pedagógica afetiva pode estimular não só a relação de afeto, como também os aspectos cognitivo e social do aluno. Além disso, pode elevar a autoestima do aluno, sua aprendizagem se torna mais prazerosa e construtiva e o ambiente escolar se torna mais harmonioso para ambos, professor e aluno.

Na formação dos professores a oferta de situações de reflexão e prática

sobre como trabalhar as relações construtivistas com os alunos é precária, dessa forma, muitos professores utilizam seu próprio estilo pessoal para trabalhar esses conceitos acreditando ser a melhor forma para envolver os alunos em suas aulas. Nesse contexto percebemos também que o professor tem que fazer sua parte, procurando estar emocionalmente equilibrado, para poder intervir nos conflitos que acontecem em sua sala de aula. Contudo, um bom relacionamento entre os envolvidos, pautado no respeito e no carinho favorece de forma mais fácil essa mediação.

Para tanto esse artigo se justifica a partir da preocupação com os constantes conflitos entre professor-aluno e a boa interação, buscando uma forma de contribuir para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis entre os membros que a compõem, favorecendo assim a aprendizagem num ambiente afetivo e prazeroso. Dessa forma, percebe-se que a afetividade ganha destaque e fundamental importância nos processos de ensino.

Tendo em vista a quantidade de conflitos cada vez mais frequentes entre professores e alunos em sala de aula e os maus resultados na aprendizagem dos alunos fizeram com que esta pesquisa

levantasse a seguinte questão: Como a afetividade na relação professor-aluno pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem?

Para responder a tal questionamento, o trabalho procurou investigar a relação de afetividade entre professor e aluno e sua relevância como fator da prática pedagógica. Assim buscou analisar o conceito de afetividade e a importância na formação docente, analisar as relações de afetividade na vida da criança e, por fim, buscou refletir sobre o papel do professor numa relação de troca contribuindo na valorização da afetividade no processo de ensino-aprendizagem.

Nesse contexto, o projeto pretendeu destacar alguns elementos considerados de grande relevância que envolve afetividade e cognição. Para tanto, este trabalho abordou primeiramente o conceito sobre afetividade, logo após discorreu sobre a relação professor-aluno.

Na sequência, abordou a afetividade como contribuinte da qualidade do ensino.

O presente estudo utilizou-se de uma pesquisa aplicada, de natureza bibliográfica, fundamentada na reflexão da leitura de livros, artigos e revistas,

tendo por base também a pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma qualitativa.

Dessa forma, acredita-se que o professor não é somente uma pessoa que transmite conhecimentos, que também pode estabelecer uma relação de afetividade com seus alunos, acredita-se que um laço de afetividade com a criança facilita o processo de desenvolvimento de sua aprendizagem, uma vez que a criança se sente segura ela passa a confiar no professor e, a partir daí se torna muito mais fácil a aprendizagem do aluno, bem como desencadeia a prática pedagógica do professor.

1. A AFETIVIDADE

Todo sentimento que de alguma forma toca o ser humano se refere à afetividade, sendo de forma positiva ou de forma negativa, contribuindo para a formação da autoestima da criança.

A afetividade é um estado psicológico que se desenvolve através de vivências do indivíduo. De acordo com Piaget, esse estado interfere de forma direta no comportamento e no aprendizado do ser humano, assim como no desenvolvimento cognitivo. A afetividade se desenvolve através dos

sentimentos, dos interesses, dos desejos, das tendências, das emoções e dos valores, ou seja, em todos os aspectos da vida humana.

Segundo Ferreira (1999, p. 62):

A afetividade (afeto + idade) qualidade psíquica, conjunto de fenômenos psíquicos. Que se manifesta sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza. (FERREIRA, 1999, p. 62).

De acordo com a afirmação de Ferreira (1999, p.62), a afetividade se refere diretamente a todas as formas de sentimentos e gestos às práticas humanas, e exerce um papel muito importante, além de interferir consideravelmente na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e nas ações, é um componente fundamental para a harmonia e para o equilíbrio da personalidade do ser humano proporcionando seu bem estar.

A afetividade pode modificar a forma como as pessoas enxergam o mundo, assim como a forma com que se desenvolve dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos da vida humana podem trazer recordações e experiências por toda a sua história. Com isso, a presença

ou ausência de afeto pode determinar a forma com a pessoa se desenvolve, além de influenciar a autoestima das pessoas desde a infância, visto que, quando uma criança recebe afeto na infância, cresce e se desenvolve com maior segurança e determinação.

Contudo, a afetividade é uma sensação de extrema relevância para a saúde mental dos indivíduos pelo fato de influenciar o desenvolvimento geral do ser, o seu comportamento, além do seu desenvolvimento cognitivo.

O processo afetivo é contínuo e inovador, isso é percebido através da formação e enriquecimento afetivo da criança, onde a formação de sentimentos está condicionada aos valores e evolução da sociedade, dessa forma, os sentimentos interindividuais são construídos e elaborados através da ajuda de todos, fazendo com que seja uma troca intrapessoal.

Nesse contexto, Mattos (2008, p.53) afirma que:

As pessoas são seres afetivos, desde o início da vida emoções e razões estão misturas, no entanto, a afetividade está acima da razão, conseqüentemente os sentimentos de cada um provoca reflexos nos outros, porém, com o tempo isso pode mudar, a área cognitiva se sobrepõe à afetiva, por ser estimulada e constituída

como essencial para a aprendizagem. (MATTOS, 2008, p.53).

Diante disso, a afetividade deve ser diferenciada de suas manifestações, diferenciando-se do sentimento, da paixão, da emoção, dessa forma, a afetividade é o conceito usado para definir um enorme domínio funcional e, nesse domínio de funcionalidade, surgem diferentes manifestações: desde as primeiras, simplesmente orgânicas, até as mais distintas como os sentimentos, as paixões e as emoções.

O sentimento amor-afetividade construído inicialmente entre mãe e filho vai se espalhando entre os outros, como ao pai, irmãos e companheiros, proporcionando, assim, modificação ou acomodação aos fatos e situações carregadas de emoções.

Diante dos acontecimentos, as atitudes e ações das pessoas à respeito de outras são, de certa forma, muito importantes, expressando as relações humanas num tom de dramaticidade. Almeida (1999, p.107) acredita que: "As relações de afeição são evidentes, pois a aquisição do saber implica, necessariamente, uma ligação entre pessoas. Portanto, na interação entre professor-aluno, uma relação de uma

pessoa para outra pessoa, o afeto está presente".

Dessa forma, as relações afetivas são aquelas que demonstram a suscetibilidade mostrada pelo homem a partir de algumas alterações que ocorrem no mundo exterior ou a si mesmo. Para tanto, nos afetos existe um caráter subjetivo, uma vez que na maioria das vezes, só podemos saber da existência de um afeto se o indivíduo nos contar, porque é ele quem está experimentando determinado sentimento de afeição.

2. A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Na escola, a afetividade é vivenciada ou ignorada, quando ela é ignorada se torna uma ação descompromissada pelo professor e pelo aluno, com isso, condiz efetivamente com o fracasso escolar.

Os sentimentos surgem a partir da interação com o outro, através das emoções, assim os aspectos afetivos que constituem o funcionamento psíquico do ser humano. A afetividade é responsável pela qualidade das relações dos indivíduos e pela produtividade em sala de aula, bem como reconhecê-lo como ser participativo e integrante do processo educativo é o caminho certo.

O professor deve propiciar um ambiente de aprendizagem, deve comprometer-se com o aluno para que este desenvolva suas capacidades, para que o aluno aprenda a desenvolver suas emoções, e se sinta motivado a aprender a e perceber que seu mundo intelectual cresce juntamente com seu mundo emocional. Freitas (2000, p.211) vem acrescentar afirmando que:

[...] professores na verdade são mestres, pois utilizam em suas aulas não só a argumentação oriunda da razão, mas também aliada a emoção estabelecendo assim o ambiente e o contexto necessário para o desenvolvimento da inteligência e da afetividade de seus alunos. Tocando e convidando significativamente seus alunos à aventura de se permitirem ser como são. (FREITAS, 2000, p.211).

A afetividade é uma forma de mediação da aprendizagem do aluno e vem tomando um papel de destaque no trabalho pedagógico da escola. Essa forma de educação afetiva ou emocional sempre acompanha as demais formas de aprendizagem. Podemos ressaltar ainda que qualquer aprendizagem está ligada à vida afetiva, por isso a escola não deve diminuir esta relação de afetividade, mas sim ampliá-la e torna-la mais forte, a fim

de criar um ambiente saudável para essas crianças em formação.

Nesse contexto, o envolvimento de proximidade entre os envolvidos no contexto ensino-aprendizagem requer unicamente do ambiente estabelecido pelo professor, da relação de empatia com seus alunos, da sua disponibilidade de ouvir, refletir e discutir a forma de compreensão do alunado e da criação de ligação entre o seu conhecimento e o deles.

Para tanto, a relação de afeto é a forma mais complexa de que o indivíduo é capaz de lidar, e acontece ao mesmo tempo em que o indivíduo se liga a outro pelo amor, constituindo assim um enorme aspecto de sentimentos ligados à história das relações sociais, onde a criação das relações afetivas deve ser compartilhada para que os laços afetivos se fortaleçam.

Cunha (2008, p.51) diz que:

Em qualquer circunstância o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível de dispersão, conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola hoje em dia, seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz. (CUNHA, 2008, p.51).

O professor deve buscar educar para alcançar a mudança, educar para a autonomia no mundo real e atual, para a liberdade que consiga alcançar uma abordagem global, trabalhando o lado positivo dos alunos e formando cidadãos conscientes de seus deveres e de suas responsabilidades com a sociedade.

Para Cunha (2008, p.63) o modelo de educação que funcionava verdadeiramente é aquele que começa pela necessidade de quem aprende e não pelos princípios de quem ensina. Ademais, a prática do professor para afetar o aluno deve ser acompanhada por uma atitude vinda do professor.

De acordo com Cury (2003, p.64) “bons professores falam com a voz, professores fascinantes falam com os olhos. Bons professores são didáticos, professores fascinantes vão além. Possuem sensibilidade para falar ao coração de seus alunos”.

Quando a criança conhece a si mesmo e também seu professor estabelece um vínculo que enaltece o processo educativo, dessa forma estabelecem uma aprendizagem significativa com base na formação do desenvolvimento da personalidade humana que induza á todas as dimensões da vida. Dessa forma, o

professor pode trabalhar melhor com suas limitações, além de propor oportunidades para melhorar o rendimento escolar dos seus alunos.

Cury (2003, p.65) diz que “os professores apesar das suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, e sim por seres humanos”.

Assim, é certo que a interação entre professor e aluno pode e deve acontecer de forma amigável e respeitosa, para que assim ocorra o processo de ensino-aprendizagem entre professor e aluno de forma mais agradável e sem esquecer que cada um deve desenvolver o seu papel nesse processo, para tanto é preciso desenvolver aulas baseando-se no respeito e nos deveres, mostrando o quanto é importante respeitar o espaço e o conhecimento do outro.

3. A AFETIVIDADE COMO CONTRIBUINTE DA QUALIDADE DO ENSINO

As relações de afetividade no ambiente de aprendizagem são fundamentalmente importantes para a

garantia de um ensino de qualidade para os alunos, também pode contribuir para a formação do senso crítico, ser mais solidários, usar melhor sua criatividade e ter mais felicidade, pois a escola é o lugar que complementa a formação cognitiva e afetiva das crianças.

Particularmente, a interação entre os indivíduos pode desempenhar um papel fundamental na construção do indivíduo, assim, “é a partir da relação interpessoal definitiva que o ser pode chegar a interiorizar as formas de cultura estabelecidas de funcionamento psicológico [...]” (OLIVEIRA, 1997, p. 38).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) mostram que uma educação de qualidade deve desempenhar as capacidades inter-relacionais, cognitivas, afetivas, éticas e estéticas, além de refletir na construção ser humano em seus direitos e deveres. Percebe-se a relevância do desenvolvimento de projetos escolares que contemplem o trabalho das emoções.

A afetividade é primordial na prática pedagógica e no ambiente educacional para garantir uma melhor qualidade de ensino. É por meio dela que o aluno passa a ter laços afetivos com os colegas e com o professor, além de melhorar de forma integral seu

desenvolvimento cognitivo e motor. Podendo alcançar melhores resultados na autoestima, na autonomia e na autoconfiança.

A afetividade é um tema bastante discutido no contexto escolar, onde os professores devem estar atentos e desenvolvendo mecanismos que ajudem no aprimoramento das habilidades emocionais dos alunos. Acima de tudo, também é primordial para a evolução da aprendizagem, a qual deve gerar satisfação e boas relações entre professores e alunos, de forma que o ambiente escolar passa a ser um lugar agradável, produtivo e eficiente.

Vygotsky (2003, p. 121) diz que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam ensinadas e instigadas emocionalmente. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (VYGOTSKY, 2003, p.121).

Sendo assim, existem alguns caminhos que podem levar a qualidade

do ensino de acordo com a afetividade trabalhada pelo professor em sala de aula, dessa forma, podemos verificar alguns casos, como por exemplo, a boa relação afetiva entre professor e aluno na sala de aula durante a aprendizagem.

A relação afetiva positiva é um dos fatores primordiais para que o aluno comece a confiar e saber que o professor é alguém com quem pode contar. Esta relação contribui para o surgimento de melhores condições para o ensino-aprendizagem da criança, visto ser o afeto fundamental para o desenvolvimento cognitivo, motor e emocional do aluno, assim como para a sua autonomia e, principalmente, para sua autoestima.

A relação de afetividade positiva nas aulas determina a qualidade da prática pedagógica do professor. Esta forma determina como ele envolve e motiva os alunos no desenvolvimento de suas aulas, cognitivamente e afetivamente.

Dessa maneira, de acordo com Freire (1996, p.41):

Uma das tarefas mais importantes da prática educativa-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador,

realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar (FREIRE, 1996, p. 41).

Há ainda a importância do diálogo na relação família e escola, a escola precisa desenvolver projetos em comum com a comunidade para o enriquecimento do seu trabalho educativo. Com esse tipo de proposta a escola pode entender melhor o e de forma geral onde está inserida e de certa forma, conseguirá dar maior e melhor atenção às crianças. Assim, quando pais, mães e familiares se envolvem nos projetos da escola, conhecem e podem melhorar sua relação afetiva com seus filhos em todos os aspectos.

Freire (1996, p.160) também acredita que a atividade docente não se separa da discente e é uma experiência alegre por natureza. Segundo ele, a seriedade e a alegria não são inimigas da rigorosidade.

A reflexão sobre práticas afetivas necessita de sensibilidade, coração generosamente humano no qual não haja violência e preconceitos que possam degradar relacionamentos. É preciso o favorecer o “ser real” e não o “ideal”.

Torna-se urgente educar com afetividade uma sociedade na qual o cenário tem como discurso o

individualismo e a competição, pois isso traz a tona valores e sentimentos esquecidos. Faz-se necessário relembrar temas que causem algum estímulo a esperança de um possível futuro melhor, além das expectativas que possam retratar o significado verdadeiro da humanidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática deste trabalho percebeu a necessidade de desenvolver uma pesquisa a fim de refletir sobre a contribuição das relações interpessoais para o desenvolvimento do aluno no Ensino Fundamental, visto que as relações afetivas contribuem para um melhor rendimento escolar, bem como é fundamental para prática pedagógica.

Para tanto o trabalho se justificou a partir da preocupação com os constantes conflitos entre professor-aluno e a boa interação, buscando uma forma de contribuir para que a escola seja um ambiente de relações mais agradáveis entre os membros que a compõem, favorecendo assim a aprendizagem num ambiente afetivo e prazeroso. Dessa forma, percebeu que a afetividade ganha destaque fundamental importância nos processos de ensino.

O principal objetivo deste artigo foi objetivo investigar a relação de afetividade entre professor e aluno e sua relevância como fator da prática pedagógica, sendo assim, pode-se afirmar que o objetivo foi atingido, porque nessa busca, percebeu-se que a afetividade é imprescindível para o desempenho educacional, uma vez que as opiniões dos alunos e dos professores deixam bem claro que a afetividade representa um aspecto importante no processo de ensino e aprendizagem, que tem como base o respeito mútuo, o diálogo e, principalmente o carinho recíproco.

Com isso, mostrou que através das observações e da prática aqui relatadas, que a afetividade é de suma importância no processo de ensino-aprendizagem, ou seja, uma depende da outra para um bom desenvolvimento da criança. Constatou-se também a necessidade dos professores trabalharem mais a relação de afetividade dentro da sala de aula para melhorar o processo de aprendizagem

Conforme as teorias estudadas, foi possível confirmar as hipóteses, de que o professor não é somente uma pessoa que transmite conhecimentos, que também pode estabelecer uma relação de afetividade com seus alunos, e de que

um laço de afetividade com a criança facilita o processo de desenvolvimento de sua aprendizagem, uma vez que a criança se sente segura ela passa a confiar no professor e, a partir daí se torna muito mais fácil a aprendizagem do aluno, bem como desencadeia a prática pedagógica do professor. Sendo assim entende-se que todas as relações devem ser permeadas pela afetividade, quer sejam de ordem familiares, profissionais ou pessoais.

Diante dessa premissa pode-se afirmar que a escola é um ambiente capaz de acrescentar muito a uma criança. Muitos fatores positivos ou negativos podem ser influenciados ao longo de sua vida escolar e social decorrente de acontecimentos vivenciados na mesma.

Dessa forma, tendo em vista a quantidade de conflitos cada vez mais frequentes entre professores e alunos em sala de aula e os maus resultados na aprendizagem dos alunos fizeram com que esta pesquisa levantasse a seguinte questão: Como a afetividade na relação professor-aluno pode contribuir para o processo de ensino-aprendizagem?

A falta de uma relação afetiva de cumplicidade entre professor e aluno, pode desencadear dificuldades no conhecimento prévio adquirido por parte

desse aluno, e com isso poderá comprometer a aquisição de uma aprendizagem significativa nas aulas.

Sendo assim, os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados como norteadores de ações que venham contribuir para a conscientização da necessidade de mudanças na formação de professores para as relações interpessoais no processo de ensino e aprendizagem, no sentido de que esta é uma realidade a ser construída por meio de políticas públicas de educação e práticas pedagógicas eficazes, preocupadas sempre com a sociedade.

Finalizando, espera-se que outros trabalhos possam ampliar a análise apresentada na presente pesquisa, que esta não é definitiva, no entanto buscou provocar uma breve reflexão sobre o tema apresentado e motivar novos pesquisadores a continuar o debate no que se refere à relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, n.º 2, p. 239-249, mai/ago, 1997.

BRASIL. Constituição. **Constituição da República Federativa do Brasil.** 10. ed. Brasília, DF: Senado, 1998.

BRASIL. **Lei no. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília. 23 dez. 1996 - 2000.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do Amor: Caminho da Libertação na relação professor aluno.** 2ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2000.

LA TAILLE, Y. de. OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus, 1992.

MATTOS Sandra Maria Nascimento de. **A afetividade como fator de inclusão escolar.** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Org.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. REI – **Revista de Educação Ideau.** Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A LUDICIDADE COMO PARTE INTEGRANTE PARA A APRENDIZAGEM NAS AULAS DE LÍNGUA INGLESA

CRISTINA PATRÍCIO DE OLIVEIRA¹
DOI: 10.5281/zenodo.15278584

RESUMO

Este artigo analisa a possibilidade de aplicação da ludicidade nas aulas de língua inglesa, como instrumento de estímulo no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira. Sendo assim, torna-se importante o questionamento sobre como os jogos e brincadeiras poderiam contribuir com as aulas de Língua Inglesa como parte integrante da aprendizagem dos alunos. Para responder a esta questão a pesquisa se fundamenta na metodologia bibliográfica de caráter qualitativo. Assim, conclui-se que o papel do professor é extremamente importante, pois é ele o responsável pelos recursos ludo-pedagógicos, criando espaços, disponibilizando materiais, participando das brincadeiras e fazendo as mediações necessárias para a construção do conhecimento.

Palavras-chave: Ludicidade. Aprendizagem. Língua Inglesa. Brincadeiras. Jogos.

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Letras (Português e Inglês) pela UNICSUL – Universidade Cruzeiro do Sul (1994); Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela UNG – Universidade de Guarulhos (2009); Professora de Língua Portuguesa e Inglês da Rede Regular de Ensino.
cristina.patti@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este estudo abordará o tema sobre a ludicidade como parte integrante para a aprendizagem nas aulas de Língua Inglesa, este tema partirá da necessidade de analisar a prática de atividades diferenciadas nas aulas de língua estrangeira através do universo lúdico, visto que os alunos possuem muitas dificuldades no entendimento dessa disciplina em sala de aula.

O ensino da Língua Inglesa nas escolas públicas trazem muitos resultados insatisfatórios no processo Ensino-Aprendizagem, esse fato tem levado muitos estudiosos a buscar novas estratégias para a nossa prática pedagógica dessa disciplina. Percebe-se, porém, que há muita falta de motivação, desinteresse, progressão de conteúdos, dificuldades na assimilação do vocabulário e, conseqüentemente, falhas na aprendizagem dos alunos.

Contudo, irá demonstrar a importância do tema para a busca de novos métodos para obtenção do êxito e melhor qualidade na aprendizagem dos alunos, com estratégias e atividades inovadoras, motivadoras, como meios de conquistar uma aprendizagem mais eficaz. Sendo assim, buscará responder

ao seguinte questionamento: Como os jogos e brincadeiras poderiam contribuir com as aulas de Língua Inglesa como parte integrante da aprendizagem dos alunos?

Para tanto, este artigo irá analisar a possibilidade de aplicação da ludicidade nas aulas de língua inglesa, como instrumento de estímulo no processo de ensino e aprendizagem da língua estrangeira.

Assim, para alcançar os objetivos propostos utilizará uma metodologia de pesquisa aplicada, de natureza bibliográfica e de caráter descritiva, fundamentada na reflexão de leitura de livros, artigos e revistas, bem como pesquisa de grandes autores referentes ao tema de forma qualitativa.

Acredita-se que a eficácia do uso de atividades lúdicas no ensino aprendizagem de língua inglesa numa tentativa de sanar algumas das dificuldades existentes no processo ensino-aprendizagem dessa disciplina.

Dessa forma, para se fundamentar, esse trabalho iniciará suas discussões compreendendo o universo lúdico, tratará de analisar as dificuldades no Ensino-Aprendizagem da Língua

Inglesa, bem como os jogos e as brincadeiras nas aulas de inglês e, por fim trará suas considerações finais.

1. COMPREENDENDO O UNIVERSO LÚDICO

O lúdico é constituído elementos como o som, a prática de movimento e o poder da imaginação. E é neste universo, que a criança se constitui desses elementos, como pular, brincar, desenhar, pintar, cantar, dançar, representar, criar e recriar o faz-de-conta. O brincar é a mais importante forma de expressão da infância, o brincar faz com que a criança desenvolva atividades importantes que a constitua como sujeito da cultura.

Contudo, é necessário o desenvolvimento da capacidade e autonomia através de atividades significativas, na infância, pois ela adquire nesse tempo o processo de aprendizagem e faz do corpo um instrumento de construção desse processo, fazendo do corpo o seu principal brinquedo.

Na concepção de Porto (2004, p.74), o lúdico possibilita a aquisição de uma qualidade de vida contagiante e individualiza cada um de acordo com

suas particularidades, dessa forma, apresenta claramente sua personalidade caracterizada no universo lúdico. Em relação ao papel do brinquedo e da brincadeira na questão do imaginário, Porto (2004) considera a inversão da relevância entre o contexto imaginário e o objeto.

Na perspectiva de Moraes (2014, p.62), a integração entre o lúdico e as atividades essenciais do indivíduo caracteriza-se pela espontaneidade funcional e pela aceitação do indivíduo que dela participa. Para tanto,

De acordo com Macedo (2005) o lúdico, em sua perspectiva simbólica, significa que as atividades são modificadas e históricas, uma relação entre a pessoa que faz e aquilo que é feito ou pensado é uma forma de projeção de desejos, sentimentos e valores, que expressam possibilidades cognitivas ou modos de incorporar o mundo e a cultura que vive.

Segundo Porto (2004) a ludicidade pode se manifestar em todas as ações do indivíduo em que ele se sinta pleno, presente, em que ele possa expressar sua verdadeira e real essência, ou seja, sua real forma de ser, sentir, pensar e agir.

A ludicidade não é apenas brincar por brincar, mas sim, um método pedagógico que estimula a brincadeira de forma objetiva, tendo a intenção de proporcionar uma aprendizagem significativa para o aluno sendo possível que os aspectos motor, cognitivo, afetivo e social se desenvolvam com mais facilidade.

De acordo com Kishimoto (2002) a brincadeira é considerada como conduta livre que estabelece o desenvolvimento da inteligência e possibilita o estudo, com isso, foi adotada como método de aprendizagem de conteúdos escolares.

Porto (2004) também destaca que na atividade lúdica, as crianças têm a possibilidade de uma auto experiência, isso significa que o estilo dessa atividade tem como objetivo a experiência que se manifestam com suas atitudes num determinado ambiente de desenvolvimento, em que promove um aperfeiçoamento maior nas crianças e em suas experiências, dessa forma, elas exercem cada vez mais atividades de acordo com a capacidade de criar determinados conceitos e assim corrigi-los com as experiências adquiridas.

Nesse caso, o momento do brincar transmite a socialização e a interação entre as crianças e o professor, dessa

forma, pode também desenvolver noções de limites e respeito às regras, determinação de espaço e de tempo, além do equilíbrio físico e mental, desenvolvendo sua autonomia e confiança dando oportunidade de criar e recriar em seu cotidiano o seu mundo imaginário.

Como visto, é na escola que os sujeitos aprendem a aprender, sendo expostos cotidianamente a situações de aprendizagem, de convívio social e de experimentação, principalmente quando estão inseridas em situações lúdicas. Neste momento, se pode destacar o quão importante é o brincar para a criança, e como as atividades de movimento também promovem um trabalho com a expressão corporal e a cultura infantil através de brincadeiras e jogos.

2. AS DIFICULDADES NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA

É preciso lembrar que, mesmo antes de aprender a falar, o indivíduo passa por um processo de aprendizagem da linguagem desde os primeiros dias de vida e isso, não pode ser ignorado de

forma alguma quando se refere à aquisição de uma nova língua.

Ensinar Língua Inglesa nas escolas públicas tem se tornado cada vez mais um desafio para os profissionais que atuam nessa área, uma vez que, o ensino dessa disciplina no âmbito educacional público passou e passa por diversas dificuldades relativas à falta de material didático, professores despreparados, alunos desmotivados, ausência de um ambiente propício para aprendizagem da Língua Inglesa, carga horária insuficiente.

Contudo, a Língua Inglesa precisa ser apresentada de forma que o aluno sinta que pode aprendê-la e não crie medos ou frustrações prévias. Dessa forma, o professor precisa encontrar o melhor caminho e melhores técnicas que facilitam o processo de aprendizagem de uma segunda língua, além de estimular a criança em seu aprendizado, deixando-a segura num contexto de sua realidade.

Dessa forma, segundo o que diz no Instituto de Pesquisas Plano CDE,

O ensino da língua estrangeira pertence à parte diversificada da Base Curricular Comum, o que significa que deve ser adaptado às realidades regionais, sendo que algumas redes optam por não oferecer língua inglesa (optando, ao invés disso, por

oferecer o ensino de outras línguas). O fato de pertencer à parte diversificada faz com que a língua estrangeira seja menos regulamentada e muitas vezes considerada complementar dentro do currículo escolar. Esta situação confere ao inglês, quando é oferecido, um papel marginal na grade curricular, o que pode ser percebido pela carga horária menor da língua estrangeira, quando comparada à de outras disciplinas. (Instituto de Pesquisas Plano CDE, 2015, p.7).

Entretanto, essas dificuldades enfrentadas não podem se tornar empecilhos que atrapalhem a reflexão sobre a prática pedagógica no objeto em questão. De acordo com Freire e Shor (1993, p. 48), pode-se dizer que o professor, independentemente da disciplina que lhe seja conferida, deve ser, acima de tudo, um educador libertador, sendo assim:

[...] atento para o fato de que a transformação não é só uma questão de métodos e técnicas. Se a educação libertadora fosse somente uma questão de métodos, então o problema seria algumas metodologias tradicionais por outras mais modernas, mas não é esse o problema. A questão é o estabelecimento de uma relação diferente com o conhecimento e com a

sociedade. [...] (FREIRE E SHOR, 1993, p. 48).

A partir dessas dificuldades enfrentadas no contexto do ensino e aprendizagem do inglês das escolas da rede pública de ensino, Barcelos (2006) questiona o que pode ser feito por parte dos professores sem considerar os problemas econômicos, sociais e culturais que englobam o mundo do ensino público.

É preciso que haja o saber sobre as crenças e experiências em relação aos alunos, bem como a troca de ideias e a meditação a respeito das experiências vivenciadas em prol de uma aprendizagem reflexiva. Também é necessário “[...] ajudar os alunos a refletir sobre sua própria aprendizagem e sobre suas crenças e experiência” (BARCELOS, 2006, p. 146).

Vários métodos são constantemente criados e inovados para tornar eficaz o processo ensino-aprendizagem no inglês, dessa forma, analisando o uso da Língua Inglesa como uma ferramenta para a formação do aluno como cidadão, pode promover a autoestima para que o aluno valorize o que produz individualmente ou no grupo, favorecendo a convivência considerando a igualdade e a identidade para que

aprenda a conhecer, a fazer, a ser e a conviver dentro de seu idioma ou de outro.

3. OS JOGOS E AS BRINCADEIRAS NA APRENDIZAGEM DO INGLÊS

Muitos alunos consideram as aulas de Língua Inglesa um processo árduo de aprendizagem, no entanto, de acordo com estudiosos, o universo lúdico pode despertar o maior interesse no aprendizado dessa língua. Dessa forma, torna-se possível fazer com que os alunos adquiram conceitos, o lúdico estimula o raciocínio e desperta o interesse em aprender mais e melhor, além de buscar novos conhecimentos.

Ao trabalhar com recursos lúdicos e materiais diversos, o professor torna as aulas muito mais atrativas, o lúdico também desperta nos alunos, o compromisso em aprender, através do lúdico, o aluno passa a buscar e pesquisar com autonomia, ampliando seu vocabulário em Língua Inglesa, através de muita leitura e produções textuais.

Segundo Piaget (1971) o jogo e as brincadeiras mobilizam esquemas mentais: intensifica o pensamento, a organização de tempo e espaço,

integrações, várias dimensões afetivas, sociais, motoras e cognitivas, favorecendo a aprimoramento de condutas e a elevação de habilidades como coordenação, habilidade, rapidez, desenvolve a força e o poder de concentração.

Sendo assim, o professor de Língua Inglesa precisa preparar atividades que promovam descontração e despertem prazer, que promovam a interação e afetividade, no momento em que ocorre a aquisição da aprendizagem, podem gerar benefícios aos professores e alunos, que se sentem realizados ao perceberem que momentos diferenciados como esses podem romper as barreiras do tradicional método educacional voltado para o ensino das normas gramaticais. Tornando-se uma brincadeira “séria”, podendo sentir prazer ao brincar, se apropriando de vários conteúdos. (PORTO, 2004, p.160).

Para Piaget (1971), o conhecimento envolve um processo de construção que se dá por meio da interação do sujeito com o objeto em um processo ativo. Assim, pode-se concluir que “a melhor aprendizagem ocorre quando o aprendiz assume o comando de seu próprio desenvolvimento em atividades que sejam significativas e lhe

despertem o prazer.” (PAPERT apud SABADIN, 2003, p. 59).

Os argumentos abaixo apresentados, encontrados no trabalho de Rodrigues (2007, p.5), destacam a constante necessidade de procura por novas estratégias de ensino, nesse parâmetro, a autora afirma que:

O educador precisa buscar novas alternativas como forma de motivar o educando com relação à participação, não só em sala de aula, mas para que ele próprio busque informações para ampliar seu conhecimento. Assim, o professor deve ser criativo, desafiador o bastante de maneira que o aluno possa ir além de sua capacidade, procurando melhorar sua atenção e desempenho. (RODRIGUES, 2007, p.5).

Os jogos e brincadeiras proporcionam ao educador um momento de alegria, participação e cumplicidade entre ele e seu aluno. O lúdico funciona como uma ferramenta pedagógica para transmitir conteúdos e conceitos interligando o aprender e o brincar.

Portanto, o lúdico não se refere apenas a inserção dos jogos e das brincadeiras na escola e nas aprendizagens, mas sim de uma maneira muito mais ampla, o lúdico atende aos propósitos e objetivos definidos em

legislação e devem permear todas as ações pedagógicas, em consonância com as diretrizes educacionais que estão estabelecidas em lei.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ludicidade pode ser considerada como um caminho promissor da interação no processo Ensino-Aprendizagem dos alunos, através da linguagem, demonstrando a capacidade de compreensão e aquisição do conhecimento no desenvolvimento e reconstrução desse saber através do contato com o mundo adulto do qual a criança está adentrando.

Nesse estudo pudemos perceber que o lúdico nas aulas de Língua Inglesa, de forma bem planejada, tendo suas atividades bem desenvolvidas, pode acarretar na propagação de uma educação flexível, direcionada para a qualidade e significação do processo educativo, tendo como aspectos e características a principal chave para o aprendizado do aluno e integração no meio social do qual está inserido.

Sendo assim, constatou-se que o problema dessa pesquisa que era: Como os jogos e brincadeiras poderiam contribuir com as aulas de Língua Inglesa

como parte integrante da aprendizagem dos alunos? Foi respondida, visto que ao aceitar o desafio de procurar inovar, pesquisar, (re)pensar a prática docente e adequar o conteúdo escolar com o objetivo de auxiliar na aprendizagem dos alunos, com certeza contribuiu para o processo de aprendizagem dos alunos e de formação docente do professor e sempre será a mola propulsora e motivacional para amenizar as dificuldades enfrentadas no dia a dia de uma sala e promover a interação e o cooperativismo entre os participantes desse lindo e desafiador processo de ensinar e aprender uma Língua Estrangeira.

Para tanto, é preciso que o professor de Língua Inglesa tenha em mente essa responsabilidade de entender a importância do lúdico, do brinquedo e dos jogos no contexto educacional dos alunos, seja de modo formal ou informal, inovando suas aulas no dia-a-dia do aluno por meio da realidade, deixando de lado métodos e técnicas ultrapassadas que passam longe da realidade do aluno, por isso, torna-se muito importante adentrar no universo lúdico e mostrar o quão é divertido aprender outro idioma.

Portanto, esse artigo possibilita repensar e propor novas práticas pedagógicas do ensino de Língua Inglesa, proporcionando melhor qualidade no Ensino-Aprendizagem nas escolas públicas. Propondo aos

professores, uma análise de suas práticas em sala de aula para que desperte nos alunos um maior interesse em aprender de forma prazerosa a Língua Inglesa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. R. S. (1997) **A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, n.º 2, p. 239-249, mai/ago.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 10. ed. Brasília, DF: Senado, 1998.

BRASIL. **Lei no. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União. Brasília. 23 dez. 1996 - 2000.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, Relação de Amorosidade e Saber na Prática Pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Nilson Guedes de. **Pedagogia do Amor: Caminho da Libertação na relação professor aluno**. 2ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2000.

LA TAILLE, Y. de. OLIVEIRA, M. K; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky e Wallon: **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

MATTOS Sandra Maria Nascimento de. **A afetividade como fator de inclusão escolar**. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 9, nº 18, pp. 50-59, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

PIMENTA, Selma G.; GHEDIN, Evandro (Org.) **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

REGINATTO, Raquel. A importância da afetividade no desenvolvimento e aprendizagem. REI – **Revista de Educação Ideau**. Vol. 8 – Nº 18 - Julho - Dezembro 2013.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.

VYGOTSKY, L.S. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

A MUSICALIDADE COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM PARA OS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cleusa Felix Santos¹
10.5281/zenodo.15278729

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a educação musical como uma abordagem para a aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Destaca-se que a educação para a diversidade e cidadania amplia a capacidade de expressão e reflexão da linguagem cultural de um povo. Dessa forma surge o seguinte questionamento: Como a música interfere no processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para tanto, este artigo utiliza uma metodologia de pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Sendo assim, conclui-se que a educação musical se coloca como uma abordagem para a formação do aluno como cidadão integral, pois favorece o desenvolvimento cognitivo, linguístico, psicomotor e sócio-afetivo da criança, além dos benefícios que se pode obter, desde seu desempenho, motivação e atenção nas tarefas.

Palavras-Chave: Educação musical. Desenvolvimento. Ensino-Aprendizagem.

¹ Graduação em Pedagogia pela Universidade Camilo Castelo Branco; Professora de Educação e Ensino Fundamental I na Rede Municipal de Ensino.
cleusa_quesa@terra.com.br

INTRODUÇÃO

O estudo com música pode desenvolver inúmeros conhecimentos, tanto da linguagem específica da música quanto das variadas inter-relações. Com isso, a música pode ser uma excelente companheira de aprendizagem, contribui no contexto da socialização e na aprendizagem e descoberta de conceitos e mundo.

Assim, este estudo justificou-se pela importância da educação musical para o desenvolvimento e formação integral das crianças como cidadãos produtores e reprodutores de cultura, sendo a música um instrumento facilitador do processo de ensino-aprendizagem e, portanto, deve ser trabalhada em sala de aula.

Dessa forma, o tema desse estudo surgiu da necessidade da discussão sobre a musicalização como ferramenta da educação, principalmente no que se refere aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para tanto, o objetivo geral deste trabalho foi refletir sobre a educação musical como uma abordagem para a aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, analisando a sua importância no desenvolvimento da criança.

Com isso, Dessa forma surgiu o seguinte questionamento: Como a música interfere no processo de ensino-aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Portanto, para buscar respostas para estas questões, este trabalho baseia-se em pesquisa bibliográfica analisando e discutindo sobre o tema em partes onde consta Educação Musical, A musicalidade na vida da criança, A musicalização no processo de ensino e aprendizagem, e, por fim, as considerações finais deste trabalho.

1. EDUCAÇÃO MUSICAL

Atualmente existem diversas definições para música. Mas, de um modo geral, ela é considerada ciência e arte, uma vez que as relações entre os elementos musicais são relações matemáticas e físicas; a arte manifesta-se pela escolha dos arranjos e combinações.

A música, como expressão humana, diz respeito a sua função e posição cultural, pois precisamos localizá-la no contexto em que foi criada. O ouvinte é o intérprete que apreciará a música segundo sua sensibilidade, percepção sonora e conhecimento adquirido.

A educação musical, quando estimulada na criança a partir dos primeiros anos de vida, pode ser uma ferramenta transformadora, interfere em seu desenvolvimento neurológico de forma positiva, estimula a memória, melhora a capacidade de concentração, atenção e organização.

Segundo a Lei 11.769/08, que se refere ao estudo da música como conteúdo curricular obrigatório na Educação Básica, nos traz uma série de indagações sobre a educação brasileira. A nova legislação mostra a necessidade do estudo da música para os profissionais do ensino das artes na escola. Indiretamente a referida lei indica a necessidade de profissionais qualificados no intuito de ministrar o conteúdo de música na escola. No entanto, há diferentes concepções sobre a disciplina de artes de seu ensino na escola, isso significa que há uma necessidade efetiva da implementação da música na escola brasileira.

A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASIL, 1998, p. 49).

A arte musical é uma arte que acontece no tempo porque os sons,

quando acabam de soar, já estão se extinguindo. Consideramos, então, a música como um fenômeno passageiro e em movimento constante, gerando uma expectativa daquilo que está por vir, dando sequência ao que foi ouvido antes. Para que possamos dar um significado a uma obra musical, é necessário que haja elementos de repetição ou variação de uma ideia ou então possibilitar a criação de novas relações entre o que está acontecendo agora e o restante da peça. (RENNER, 2012, p.41).

No que se refere ao aspecto social da educação musical na escola, Penna (1990) afirma que essa aplicação como uma forma de democratizar essa área de aprendizagem que, com frequência, tem se tornado um privilégio dos alunos economicamente mais favorecidos, nesse contexto, ele diz que:

Recuperamos a musicalização como um processo educacional orientado que visa desenvolver os instrumentos de percepção, expressão e pensamento necessários à decodificação da linguagem musical, como forma de promover, em todos os alunos, a competência artística (especificamente no campo musical) destinada socialmente a uma minoria (PENNA, 1990, p. 43).

Além das técnicas destacadas por Penna (1990), a música tem importância

no caráter cultural e também no papel do professor, em defesa da música nas escolas. Os PCN's constituíram-se num referencial para o desenvolvimento do ensino fundamental, em todo o Brasil. Suas funções, segundo as orientações descritas no volume introdutório do documento oficial, resumiram-se em:

“[...] orientar e garantir a coerência dos investimentos no sistema educacional, socializando discussões, pesquisas e recomendações, subsidiando a participação de técnicos e professores brasileiros, principalmente daqueles que se encontram mais isolados, com menor contato com a produção pedagógica atual” (BRASIL, 2000, p.13).

Dessa forma, com a contribuição da música no contexto escolar, pode-se haver uma educação de qualidade, voltada para a promoção do equilíbrio e integração da criança com o meio em que está inserida, a música proporciona uma aprendizagem voltada para o equilíbrio e desenvolvimento intelectual da criança, além de trazer vários benefícios para sua vida quando adulta.

2. A MUSICALIDADE NA VIDA DA CRIANÇA

Sendo a arte da manifestação dos mais diversos afetos que temos na nossa alma, através dos sons, temos a música, que é incontestável na presença da vida dos seres humanos. Por grande tempo a criança foi vista como alguém sem qualquer tipo de conhecimento, se caracterizando como uma pessoa vazia, sem desejos e vontades.

Julgadas pelos adultos como se ainda não estivessem presentes, ainda que as crianças desde bem cedo, ainda bebês, recém-nascidas percebem tudo ao seu entorno. Se estiverem incomodadas, por exemplo, com fome e sede, elas irão chorar. O choro é a expressão da criança. É comprovado que através da música é possível que as crianças tenham um melhor desenvolvimento social, motor, cerebral e psicológico.

Muita importância deve ser dada ao desenvolvimento da escuta ativa e sensível nas crianças. Segundo Mársico (1982), por conta do predomínio de estímulos visuais sobre os auditivos no qual estamos acostumados a viver e do excesso de ruídos, o desenvolvimento auditivo tem sido cada vez menor nos dias atuais. Para ele, é necessário fazer uso de atividades de musicalização que com o objetivo de explorar o universo sonoro, fazendo consequentemente com que as crianças possam analisar, ouvir

com atenção, comparação e uma busca de identificação das diferentes fontes sonoras. Isso levará ao desenvolvimento de análise, seleção de sons, capacidade auditiva, concentração e atenção.

As atividades de exploração sonora devem ser feitas partindo do ambiente familiar da criança para então depois passar para diferentes ambientes. O profissional da educação pode pedir para que as crianças observem os sons ao seu redor ficando em silêncio e em seguida escrever, imitar o que ouviram ou ainda desenhar, por exemplo. Também é possível também fazer um passeio pelo pátio da escola a fim de descobrir novos sons, aproveitar ao máximo o passeio fora da escola e ainda sim descobrir sons tidos como característicos de cada lugar.

O profissional da educação pode também, por exemplo, gravar seus próprios sons e pedir o auxílio das crianças da identificação de cada um, produzir sons sem que elas não possam ver a maneira como o som foi feito, e descubram então de que material é feito tal objetivo (plástico, metal, madeira, vidro) ou até mesmo como foi a produção do som (agitado, esfregado, rasgado, jogado no chão). Para tal tipo de exercício, o educador pode solicitar as crianças que fiquem de olhos fechados e apontem de qual lugar veio o som que

ele produziu, ou até o mesmo pode andar entre as crianças utilizando um objeto sonoro no qual as crianças acompanhem o movimento do som quando o mesmo caminhar

Portanto, o educador pode notar pontos fortes e fracos de cada criança através desses tipos de atividades, entre outras coisas, também a capacidade de memória de discriminação, observação, reconhecimento de sons e auditiva, fazendo com que o possibilite a trabalhar melhor no que está defasado.

3. A MUSICALIZAÇÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Além da música deixar o ambiente escolar mais festivo, podendo ser usada até mesmo para proporcionar um ar mais receptivo à chegada dos alunos, dando um efeito calmante após períodos de atividade física e diminuindo a preocupação em momentos de prova, a música também pode ser utilizada como um recurso no aprendizado de outras disciplinas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte, para que a aprendizagem da música faça sentido no que diz respeito a formação cidadã e cultural dos alunos desde as primeiras

séries, se faz necessário que a oportunidade de participação como intérpretes, ouvintes, improvisadores, compositores fora e dentro da sala de aula seja para todos. (BRASIL, 1997).

A música também deve ser vista como matéria, como linguagem artística, forma de expressão e patrimônio cultural. A escola deve aumentar o conhecimento musical do aluno, oportunizando a convivência com os diversos estilos, desenvolvendo novos gêneros, transmitindo uma análise reflexiva daquilo que é apresentado, possibilitando ao aluno um aprendizado mais crítico.

Caiado (2015) considera que os resultados positivos das aulas com música são visíveis desde o começo da criança na escola. A relação da criança com a música é valorizada há tempos, Platão já dizia que o instrumento educacional mais potente é a música. Essa visão é percebida nos dias atuais, uma vez que a música treina várias coisas, entre elas, o cérebro para formas de raciocínios relevantes.

Para Suzuki (1983, 1969), o homem é fruto do meio em que vive e influencia desde o seu nascimento. Levando-se em conta que as crianças pequenas estão menos influenciadas pela cultura do que as crianças maiores e os adultos, a aprendizagem musical começa cedo demais, segundo Suzuki

ainda na educação infantil. Para sustentar essa posição filosófica tão drástica para sua época, além de fazer referência à questão do aprendizado da língua materna, Suzuki também cita o exemplo das chamadas “crianças feras”.

Para tanto, Suzuki (1969) cita como exemplo o caso de Amala e Kemala, duas crianças que supostamente foram criadas na Índia por lobos e que adquiriram alguns hábitos de seus criadores como comer carne crua, andar “de quatro” caçar, entre outros. Suzuki ainda diz que a adaptação ao ambiente é natural pelo ser humano, ocorrendo devido a interações sociais e da imitação. Logo, não se deve ignorar a força do ambiente, visto que causa influencia a criança tanto para o bem, quanto para o mal. Além disso, segundo ele “aquilo que não existe no ambiente, não pode ser desenvolvido” (Suzuki, 1969, p. 23).

Partindo desse contexto sobre o processo de ensino e aprendizagem, pode-se concluir que se constitui como um processo dinâmico da apreensão da experiência humana, sendo sempre mediada pelo seu meio físico e social. É de responsabilidade do profissional da educação ter ciência de que para poder exercer sua função é necessário misturar afetividade, autoridade e respeito; ou seja, ainda que um aluno precise de uma

atenção em particular, o educador tenha sua ação, enquanto docente, em direção a todos os alunos para os mesmos conteúdos e objetivos da aula.

Nesse contexto, Mársico (1982, p.26) nos revela que “nas experiências musicais a interação contínua entre a diferenciação e a integração leva a uma compreensão cada vez mais aprofundada dos textos musicais em estudo”.

Para Martenot (1970), o papel do professor de música é insubstituível. Se faz necessário que o educador tenha desenvolvido aspectos da prática musical como, conhecimentos instrumentais e técnicos, autoconfiança e ouvido interno para que desempenhe seu papel com eficiência.

Dessa forma, Nóvoa (2002, p. 36) também diz que o “professor tem que possuir certos saberes, mas, sobretudo tem que os compreender de modo a poder intervir sobre eles, desestruturando-os e reorganizando-os”.

Por fim, entende-se que a reorganização dos conteúdos sejam vistos a fim de transformá-los em produtos de ensino com o objetivo de envolvimento da questão metodológica de como ensinar. Reafirmando assim, novamente, a necessidade de compreensão do próprio processo de aprendizagem e não apenas os

conteúdos (em suas múltiplas dimensões), para que possa, de fato, promover tal processo de maneira eficiente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do momento em que o professor passa a conhecer os interesses e necessidades dos seus alunos é que pode criar situações de ensino que atendam às características de aprendizagem dos alunos podendo garantir a eficácia do seu papel como educador.

A música está ligada desde muito cedo ao ser humano, sem ela o mundo se torna sem espírito e vazio. Mesmo que esquecida nos últimos tempos, a música deve ser retomada nas escolas, pois oferece ao aluno um aprendizado emotivo e global. Pode fornecer auxílio de maneira significativa na aprendizagem em sala de aula.

Sendo assim, é necessário que haja o reconhecimento da parte dos professores como mediadores de cultura que leva dentro do contexto educativo a importância de se aprender artes na formação e no desenvolvimento das crianças enquanto pessoas que reproduzem e produzem cultura. Só assim poderão procurar e reconhecer

todos os meios que possui em mãos para criar, sua maneira, situações nas quais o aprendizando dê condições para as crianças construir conhecimento sobre dança e música.

Enfim, a música é um instrumento facilitador do processo de aprendizagem e ensino, e, portanto, deve ser possível o incentivo seu uso em sala de aula.

Os resultados desta pesquisa poderão ser utilizados como norteadores de ações que venham contribuir para a conscientização da necessidade de mudanças na formação de professores para elevar a música no Ensino Fundamental, no sentido de que esta é uma realidade a ser construída por meio de políticas públicas de educação e práticas pedagógicas eficazes, preocupadas sempre com a sociedade.

Finalizando, espera-se que outros trabalhos possam ampliar a análise apresentada na presente pesquisa, que esta não é definitiva, no entanto buscou provocar uma breve reflexão sobre o tema apresentado e motivar novos pesquisadores a continuar o debate no que se refere à educação musical como uma abordagem para a aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília: MEC/SEE, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ministério da Educação. Temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura: **Proposta de Diretrizes par a formação inicial de professores da Educação Básica em Cursos de Nível Superior**. Grupo de Trabalho do Ministério da Educação. Brasil, maio de 2000.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da musica na educação básica. Brasília, 2008.

CAIADO, Elen Campos. NOVA ESCOLA. **Introdução à música na escola**: arte. Abril. 2009. Disponível em: Acesso em: 20 de Fevereiro de 2019.

MARTENOT, Maurice. **Principes fondamentaux de formation musicale et leur application**. 6. ed. Paris: Éditions Magnard, 1970.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música**: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

NÓVOA, Antônio, **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PENNA, M. Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Loyola, 1990.

RENNER, Katia. **Cultura musical**. Curitiba, PR : IESDE, 2012

SUZUKI, Shinichi, **Educação é amor**: um novo método de educação. 2. Ed. Maria: Imprensa Universitária, 1983 [1969], Versão inglesa do original japonês.

A RELAÇÃO DA MÚSICA E A CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

ELISABETE APARECIDA SILVA CANO¹
DOI: 10.5281/zenodo.15278774

RESUMO

O referido artigo tem como objetivo principal refletir sobre a inclusão da música no universo da criança com necessidades educacionais especiais, observando sistematicamente o interesse e o comportamento dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem. Dessa forma, para discutir a temática sobre a relação da música e a criança com necessidades educacionais especiais, este artigo busca respostas para o seguinte questionamento: Como a música contribui para o desenvolvimento das crianças com necessidades educacionais especiais? Contudo, utilizamos a pesquisa bibliográfica, fundamentada na reflexão de leitura de livros, artigos, revistas e sites, bem como pesquisa de grandes autores referente a este tema de forma exploratória. Sendo assim, conclui-se que a musicalização é uma ferramenta para ajudar os alunos a desenvolverem o universo que conjuga expressão de sentimentos, suas ideias, valores culturais, além de auxiliar a comunicação do indivíduo com o mundo exterior e seu universo interior.

Palavras-chave: Musicalidade. Necessidades Educacionais Especiais. Desenvolvimento. Aprendizagem.

¹ Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Camilo Castelo Branco (2003); Graduação em Licenciatura Plena em Educação Artística pela Faculdade Paulista de Artes (2006); Especialista em Educação Ambiental pela Faculdade Campos Elíseos (2014); Especialista em Educação Musical pela HSM – Escola Superior de Administração (2017); Professora do Ensino Fundamental I e Arte na Rede Municipal de Ensino.

INTRODUÇÃO

Este tema surgiu da necessidade de discutir sobre a educação inclusiva no ensino regular, dessa forma, a proposta de intervenção se dá a partir da relação da música e a criança com necessidades educacionais especiais, visto que essa relação faz com que a criança desenvolva suas capacidades cognitiva, motora e física.

Entende-se por educação especial a educação dirigida aos portadores de necessidades especiais mental, auditiva, visual, física múltipla e portadores de altas habilidades. A deficiência refere-se à perda, anormalidade de estrutura ou função de toda a alteração do corpo ou da aparência física, de um órgão ou de uma função, qualquer que seja a sua causa.

A incapacidade refere-se à restrição de atividades em decorrência das consequências de uma deficiência em termos de desempenho e atividade funcional do indivíduo e que representam as perturbações ao nível da própria pessoa. A educação tem como meta desenvolver em cada indivíduo toda a perfeição de que ela é capaz. Porém, sem a utilização da música não é possível atingir a esta meta, pois

nenhuma outra atividade consegue levar o indivíduo a agir.

Sabendo que a musicalização é uma forte ferramenta que ajuda os alunos no desenvolvimento do seu universo, trazendo-lhes a expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e no auxílio da comunicação outros seres humanos além do universo interior e exterior, este artigo buscará respostas para o seguinte questionamento: Como a música contribui para o desenvolvimento das crianças com necessidades educacionais especiais?

Acredita-se que a música pode ser uma excelente companheira de aprendizagem para a criança com necessidades educacionais especiais, pois contribui no contexto da socialização e na aprendizagem e na descoberta de conceitos e mundo, pois é uma atividade que exige controle total uso da respiração resultando em energização e relaxamento.

Para tanto, o objetivo desse artigo será refletir sobre a inclusão da música no universo da criança com necessidades educacionais especiais, observando sistematicamente o interesse e o comportamento dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Portanto, para alcançar os objetivos aqui propostos, este trabalho se fundamentará na pesquisa bibliográfica analisando e discutindo sobre o tema em partes onde consta um breve histórico sobre a contextualização de musicalidade, o ponto de vista cognitivo da musicalização, a relação da música com a criança, a música como recuso de ensino-aprendizagem da criança com necessidades educacionais especiais, e, por fim, as considerações finais deste trabalho.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DE MUSICALIDADE

A música está presente na vida das pessoas em seu dia-a-dia desde muito tempo. Isso significa que a música também deve ser considerada uma ferramenta fundamental no contexto escolar. Contudo, é preciso considerar as diversas formas de se relacionar com a música num contexto interdisciplinar, além de fazer associação com os diversos contextos culturais através de repertórios significativos na vida dos alunos regatando valores na vivência das crianças, além de outros benefícios nas diversas áreas do currículo escolar.

Segundo Bréscia (2003, p.32), “a música é uma linguagem universal, tendo participado da história da humanidade desde as primeiras civilizações”. De acordo dados antropológicos, as músicas eram desempenhadas em rituais, como: nascimento de crianças, em casamentos, na hora da morte, na recuperação de doenças e também na fertilidade.

O processo de formação musical leva aos educadores a considerarem a percepção e a consciência humana presentes no contexto de vida de cada indivíduo estimulando a criação, expressão humana e a educação.

De acordo com Snyders (1997, p.104), a educação musical contribui com o currículo escolar no momento em que desenvolve nos alunos a experiência musical sistematizada, oportunizando a musicalidade na descoberta de possibilidades expressivas.

A musicalização se trata de um processo de construção educativa, ela desperta o prazer nas crianças a partir dos diversos processos do conhecimento. A música também contribui para a organização da memória da criança, além de desenvolver a percepção e o pensamento, como instrumento facilitador do ensino-aprendizagem, como uma linguagem

importante em expressar sentimentos e ideias.

A linguagem musical possui diferentes manifestações do conhecimento, através da música a criança pode conhecer diversas culturas. A música desperta a criatividade e imaginação na criança.

O Art. 1º da lei 13.146/2015 diz que:

É instituída a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania. (BRASIL, 2015).

Essa norma estabelece a inclusão da pessoa com deficiência e assegura a promoção das condições de igualdade em exercício do direito das liberdades fundamentais entre os cidadãos.

Em relação à musicalização, de acordo com a lei 11.769 sancionada no dia 18 de agosto de 2008, a partir de 2012, torna-se obrigatório o ensino de música em todas as escolas do país.

Dessa forma, segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE), "a Lei tem como meta o desenvolvimento da

criatividade, sensibilidade e a integração dos alunos e não apenas a formação de músicos".

Baseado nessa lei fica expresso com clareza que a música pode ser usada em sala de aula beneficiando os alunos com necessidades educacionais especiais, pois é um bem precioso, pois, sendo a arte a manifestação dos mais diversos afetos que temos na nossa alma, através dos sons, temos a música, que na presença da vida dos seres humanos é incontestável.

2. O PONTO DE VISTA COGNITIVO DA MUSICALIZAÇÃO

Do ponto de vista cognitivo, existe uma complexidade na música como uma atividade do ser humano que pode estimular diversas áreas do cérebro. Podemos citar como referência o livro "A música no seu cérebro", no qual, o autor Daniel Levitin (2011), descreve o processo cognitivo e neuronal que ocorre quando ouvimos música:

A atividade musical mobiliza quase todas as regiões do cérebro de que temos conhecimento, além de quase todos os subsistemas neurais. Os diferentes aspectos

da música são tratados por diversas regiões neurais. (LEVITIN, 2011: p.100).

O inverso também ocorre, quanto mais restrito ao mesmo tipo de música, mais acomodado fica o cérebro, e menos desenvolvimento este terá. Por isso, temos em mãos uma grande oportunidade para que a criança entre em contato com a diversidade musical e, o ambiente escolar, talvez seja um dos poucos locais onde isso seja possível, pois percebemos hoje que muitos pais não propiciam esse ambiente em casa.

Sem entrar em juízo de valores, vivemos nos últimos anos uma enorme capitalização e massificação da cultura e da arte, o que pode levar a criança a ter acesso apenas ao que está na mídia e ao que está na “moda”. Não vemos problemas quanto à isso, mas sim quanto à restrição que ocorre quando a criança não tem acesso ao que lhe seria vital quanto ao desenvolvimento musical.

Observamos nos tempos atuais que, se por um lado o acesso a informação permite que as crianças ampliem a quantidade dos saberes, isso não nos garante a qualidade dessas informações e muito menos propiciam vivências ou experiências que sejam significativas para seu desenvolvimento como ser humano.

Podemos ainda citar, dentro do contexto da cognição, que a prática musical e o contato com os instrumentos musicais trabalhem diversas regiões do cérebro ao mesmo tempo, despertando, por exemplo, as partes responsáveis pela motricidade, desenvolvendo a coordenação motora, a lateralidade, a coordenação fina de movimentos, e ainda, os vários tipos de memória (visual, sensorial, afetiva, auditiva, sinestésica, entre outras), os aspectos específicos da linguagem musical e suas correlações com outras áreas como a da linguagem, da matemática, da dança, entre outras.

Portanto, a importância em se criar um ambiente musical, tendo como a base a diversidade, recai também sobre o desenvolvimento do aparato perceptual da criança em relação à música; em outras palavras quanto mais ouvimos ou executamos diferentes tipos de música, mais nosso cérebro tem que criar conexões e sinapses para decodificar aqueles sons e atribuir-lhe significado.

3. A RELAÇÃO DA MÚSICA COM A CRIANÇA

Julgadas pelos adultos como se ainda não estivessem presentes, mesmo que as crianças desde bebês, de recém-nascidas percebem sim o que está a sua

volta. Se estiverem incomodadas, por exemplo, com fome e sede, elas irão chorar. O choro é a expressão da criança. É comprovado que através da música é possível que as crianças tenham um melhor desenvolvimento social, motor, cerebral e psicológico.

Antes de qualquer coisa é necessário entendermos que o estímulo é fundamental no crescimento das crianças, além de acharmos meios para que esses estímulos sejam agradáveis para a criança. Para ser leve, o aprendizado deve ser sem imposições. Devemos observar ainda que a criança tenha um desenvolvimento global. Devemos analisar e observar também que a criança se desenvolva em todas as suas funcionalidades, ou seja, que tenha um desenvolvimento global.

Muita importância deve ser dada ao desenvolvimento da escuta ativa e sensível nas crianças. Segundo Mársico (1982), por conta do predomínio de estímulos visuais sobre os auditivos no qual estamos acostumados a viver e do excesso de ruídos, o desenvolvimento auditivo tem sido cada vez menor nos dias atuais.

Para Mársico (1982), é necessário fazer uso de atividades de musicalização que com o objetivo de explorar o universo

sonoro, fazendo consequentemente com que as crianças possam analisar, ouvir com atenção, comparação e uma busca de identificação das diferentes fontes sonoras. Isso levará ao desenvolvimento de análise, seleção de sons, capacidade auditiva, concentração e atenção.

As atividades de exploração sonora devem ser feitas partindo do ambiente familiar da criança para então depois passar para diferentes ambientes. O profissional da educação pode pedir para que as crianças observem os sons ao seu redor ficando em silêncio e em seguida escrever, imitar o que ouviram ou ainda desenhar, por exemplo. Também é possível também fazer um passeio pelo pátio da escola a fim de descobrir novos sons, aproveitar ao máximo o passeio fora da escola e ainda sim descobrir sons tidos como característicos de cada lugar.

Portanto, o educador pode notar pontos fortes e fracos de cada criança através desses tipos de atividades, entre outras coisas, também a capacidade de memória de discriminação, observação, reconhecimento de sons e auditiva, fazendo com que o possibilite a trabalhar melhor no que está defasado.

4. A MÚSICA COMO RECUSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DA CRIANÇA COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

A responsável por uma contribuição importante e significativa para o processo do desenvolvimento humano integral, sendo a Educação Musical, acaba influenciando, através da música, o homem positivamente, internamente e externamente (no que relacionado ao âmbito cultural e social) na medida em que o mesmo se relaciona com as suas estruturas psicofísicas. Além de um favorecimento do desenvolvimento emocional, conscientizar a si mesmo, o despertar das emoções e favorecimento da integração social e emocional.

Sabe-se que a experiência musical tem algumas propriedades, entre elas a de estimular nossa imaginação e percepção com bastante profundidade na medida que, em situações clínicas, por exemplo, em que a comunicação verbal falha, a musical consegue sucesso. A coordenação psicomotora pode ser estimulada por meio de atividades que possam envolver movimentos relacionados a diversidade no meio musical.

O desenvolvimento da linguagem e a capacidade auditiva, intelectual e o desenvolvimento da memória podem ser estimulados por meio de atividades musicais, tais como em trava-línguas, cantigas de roda, parlendas e pequenas canções. Há a possibilidade de promoção do desenvolvimento intelectual, físico e afetivo por parte da criança que possui necessidades especiais, através de programas de educação bem estruturado e bem planejado. Dessa forma, de acordo com Gonçalves (2006):

“As crianças quando passam por uma experiência mais diversificada na infância, incluindo sua expressão por modalidades artísticas - música, dança, expressão cênica, linguagens visuais – certamente terão uma possibilidade de formação integral e integradora, pois estas linguagens são formas de expressão e desenvolvimento do homem individualmente e no seu grupo social.” (GONÇALVES, 2006).

Atividades que envolvem a musicalização servem como controle de específicos movimentos, estímulos, organização de pensamento, além de favorecer a comunicação e a cooperação. Além disso, a criança se envolve em atividades nas quais os objetivos podem ser ela mesma onde o

que importa é o fazer, o participar, não existindo cobrança de rendimento, sua ação é valorizada e sua forma de se expressar é respeitada através de sentimentos que são desenvolvidos a autoestima.

De acordo com Bréscia (2003), está relacionado com a musicalização o processo de construção de conhecimentos no qual os objetivos são desenvolvimento por um gosto musical e o seu despertar da criatividade, senso rítmico, da sensação prazerosa de ouvir música, da memória, da imaginação, concentração, atenção, autodisciplina, respeito ao próximo, afetividade e socialização, contribuindo assim para uma consciência corporal e de movimentação.

A música se torna uma ferramenta de ensino-aprendizagem na escola. Segundo Girardi (2004), a iniciação musical nas séries iniciais do Ensino Fundamental estimula áreas do cérebro da criança que vão beneficiar o desenvolvimento de outras linguagens, contudo, a música tem o poder de representar um determinado tempo espacial, o local e o tempo que ela se encaixa.

Se o docente não tiver capacidade de trabalhar a música com teorias e

práticas musicais no ensino-aprendizagem na escola, ele pode desenvolver a música de forma lúdica. Para tanto,

[...] é possível a estimulação e a socialização dos alunos, pois com o lúdico é possível que se trabalhe em pequenos e grandes grupos. Os alunos serão desafiados e estimulados a pensar, desenvolvendo aspectos emocionais, afetivos e cognitivos. Através disso, eles vão passarão a ser cooperativos e responsáveis. Aprendem a perseguir seus objetivos, a agir de acordo com regras, o raciocínio fica mais rápido e aumenta sua criatividade. (SANTOS 2011, p.6).

Sendo assim, essas decisões dizem respeito ao modo de ensinar, ao método, à metodologia: “Articulando uma organização com fins e meios podendo ser ao mesmo tempo espacial e temporal. Para pensar e realizar na prática os métodos pedagógicos são constituídos por um vasto quadro educativo” (BRU, 2008, p.7).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a criança ao chegar à escola, já possui sua bagagem cultural, que deve ser considerada pelo professor.

Para que a criança se conheça melhor é necessário que seja trabalhado alguns conceitos entre eles: o corporal e o emocional, para que a criança possa gradativamente fazer relações e transformações com as informações que vão sendo obtidas

Pudemos perceber que a música tem uma importância significativa na inclusão dos alunos com Necessidades Educativas Especiais, uma vez que é na escola inclusiva que os alunos podem vivenciar a música e aprendê-la de maneira diferente, formando um grande grau de motivação para a aquisição de conhecimentos musicais.

Dessa forma, analisou-se que a escola está cumprindo seu papel com estratégias que permitam a integração dos alunos de forma mais autônoma,

porém ainda há mudanças necessárias para a emancipação dos alunos com necessidades especiais, objetivando uma escola de qualidade para todos.

A musicalização é uma forte ferramenta que ajuda os alunos no desenvolvimento do seu universo, trazendo-lhes a expressão de sentimentos, ideias, valores culturais e no auxílio da comunicação outros seres humanos além do universo interior e exterior.

Portanto, o trabalho musical na escola deve ser pautado, no respeito ao nível de percepção e de desenvolvimento de cada criança, bem como, sua fase e suas diferenças socioculturais, possibilitando por meio da linguagem musical, o desenvolvimento da comunicação e expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008.

BRASIL, Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 13.146**, de 06 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, 2015.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BRU, Marc. **Métodos de pedagogia**. São Paulo: Ática, 2008.

GIRARDI, Giovana, Nova Escola: **Música um poderoso e divertido meio de aprendizagem**. Música para Aprender e se Divertir, pp. 55-57, 2004.

GONÇALVES, M. A. Capítulo 4 - **Educação Musical na escola regular**. Educação Musical e Inclusão Escolar: uma aproximação teórica; , 28-29; 34-37; 39. 2006.

LEVITIN, D. J. **A Música no seu Cérebro: a Ciência de Uma Obsessão Humana**. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MÁRSICO, Leda Osório. **A criança e a música: um estudo de como se processa o desenvolvimento musical da criança**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

SANTOS, LL; BORGES, MCD'AS. **Utilização do lúdico no processo ensino-aprendizagem**. In: Encontro regional povos do cerrado, 2011.

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música?** 3. Ed. São Paulo: Cortez, 1997.